Professor

sujeito e objeto na revista *Nova Escola*

Adriana Beloti
Pedro Navarro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BELOTI, A., and NAVARRO, P. Professor: sujeito e objeto na revista nova escola. In TASSO, I., and NAVARRO, P., orgs. *Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas* [online]. Maringá: Eduem, 2012. pp. 287-304. ISBN 978-85-7628-583-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PROFESSOR:

SUJEITO E OBJETO NA REVISTA *NOVA ESCOLA*

Adriana Beloti⁶⁰, Pedro Navarro⁶¹

Considerações iniciais

Este trabalho mobiliza algumas noções da AD para discutir como o discurso materializado na revista *Nova Escola*, nosso objeto de análise, colabora para a produção de identidades do professor, considerando, nesse sentido, as diferentes temporalidades.

Objetivamos, então, discutir como essa revista materializa em seus enunciados processos de subjetivação, isto é, como os sujeitos professores são objetos e sujeitos dos enunciados da *Nova Escola*. Como suporte teórico, metodológico e analítico lançamos mão das reflexões de Foucault e, ainda, de sociólogos e historiadores como Stuart Hall (2000; 2005) e Bauman (2001; 2005).

Para tanto, fazemos o seguinte recorte: traçamos primeiramente uma discussão sobre algumas concepções e noções de Michel Foucault, entre elas: discurso, formação discursiva, sujeito, descontinuidade e descentramento do sujeito, estas últimas a partir das discussões desse filósofo sobre a história

60 FECILCAM

61 UEM

nova. Essas noções são operantes para este trabalho, na medida em que nos norteiam teórica, metodológica e analiticamente. Em seguida discorreremos a respeito da atualidade e da “crise de identidade” pelo viés dos Estudos Culturais. Por fim, discutimos a constituição de identidades para o professor em enunciados veiculados em três edições da revista Nova Escola, os quais constituíram, então, o *corpus* da presente análise. Esses enunciados foram escolhidos por assumirem, marcadamente, a mesma posição-sujeito, conforme discutiremos na sequência.

Michel Foucault e a análise do discurso: algumas noções operantes

A concepção de discurso como prática sociodiscursiva torna-se fundante para os procedimentos teórico-metodológicos propostos por Michel Foucault. Em *A arqueologia do saber* esse filósofo define o discurso como um “conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2007, p. 122). Como expõe Foucault (2007), o enunciado não pode ser definido em relação à frase, à proposição ou aos atos de linguagem, ao contrário, deve ser pensado em sua singularidade, em sua emergência como acontecimento discursivo cuja característica fundamental é o fato de ter “sempre margens povoadas de outros enunciados” (FOUCAULT, 2007, p. 110).

Conforme Gregolin (2008), na análise arqueológica de Foucault o enunciado não é tomado exclusivamente em seu aspecto linguístico, mas também em sua natureza semiológica. Tanto é assim que o filósofo se dedica à análise de enunciados

verbais e não verbais. Neste sentido, Courtine (apud GREGOLIN, 2008, p. 29) pondera sobre a necessidade de “pensar o não verbal em seu *funcionamento discursivo*, em sua *materialidade na História*”, o que exige, ainda, a superação das análises pelo viés estrutural. Na entrevista concedida a Cleudemar Fernandes (2010, p. 25), Courtine volta ao tema da semiologia e rediscute, a partir de Foucault, a natureza do enunciado e, assim, do discurso. Para o historiador, “o discurso não é um objeto linguístico”.

Para Foucault, o discurso é um jogo estratégico e polêmico, incluído em séries discursivas, na dispersão e na descontinuidade histórica; é um espaço em que saber e poder se articulam. Em síntese, o discurso é uma prática que provém da formação dos saberes e se articula a outras práticas. É por meio dele que se constituem e se articulam as relações de saber e poder de certo momento histórico; além disso, o discurso está inseridos em formações discursivas:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma *formação discursiva*... (FOUCAULT, 2007, p. 43).

A partir dessas duas noções fundamentais – discurso e formação discursiva – é possível entendermos que as escolhas e os usos lexicais e imagéticos⁶² evidenciam as várias formações discursivas que podem se fazer presentes em determinados enunciados, revelando os diversos discursos e, assim, as

62 Mesmo que não façamos, aqui, uma detalhada e minuciosa descrição e análise do texto imagético, por trabalharmos com enunciados sincréticos, não podemos desconsiderar o funcionamento discursivo das imagens em nosso *corpus*, até porque os enunciados são semiológicos, conforme pondera Foucault.

posições-sujeito materializadas nesses enunciados. Neste sentido, mobilizamos outra noção fundante da AD: a de sujeito. Para Foucault (2007, p. 107), o sujeito não é a pessoa física, fonte e origem do enunciado, mas “um lugar determinado e vazio que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes”, lugar variável, que caracteriza a formulação como enunciado. O sujeito é, então, uma posição-sujeito que pode ser assumida segundo a “ordem do discurso”.

A prática discursiva midiática já se legitimou na sociedade e, nessa condição, está autorizada a produzir e difundir culturas e enunciados postos como verdades. Ela constrói para si uma imagem confiável e, assim, exerce um poder que produz determinados saberes, “efeitos de poder”. Como analisa Foucault, o poder “não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso” (FOUCAULT, 1979, p. 8). Por isso a mídia faz circular discursos que são autorizados pelos mecanismos de saber e poder, já que as relações de poder se fazem presentes em todos os lugares e momentos da sociedade.

No discurso midiático, conforme Foucault (2009), há uma “ordem do discurso” que determina quem e como se pode falar, sobre qual assunto, em que momento histórico-social. Com base em nosso *corpus* de análise apresentamos como exemplo o fato de que essa ordem exerce o poder de produzir saber e efeitos de sentido sobre a prática docente e produz imagens ou representações de identidades de professor. Isso se deve ao fato de a prática discursiva reunir e materializar relações de saber e poder que dizem e determinam o que é “ser professor” e “como devem ser as práticas docentes”.

Ao nos propormos analisar como a revista *Nova Escola* materializa em seus enunciados processos de subjetivação e

constrói identidades para o professor, além das concepções já discutidas, outras noções propostas por Michel Foucault se fazem necessárias, entre elas a de descontinuidade e de descentramento do sujeito, pois é o descontínuo que faz surgir o acontecimento discursivo - entendido “não como uma decisão, um trabalho, um reino ou uma batalha, mas como uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se amplia e se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada” (FOUCAULT, 2005, p. 273). Além disso, quando é concebido como descentrado, o sujeito se torna objeto e sujeito desses acontecimentos, logo a continuidade deixa de ser considerada e o sujeito não é mais visto como a fonte e origem de todo devir e de toda prática.

Conforme Navarro (2004; 2008), Foucault, ao apresentar sua concepção genealógica de história contrapondo-a à concepção e ao método da história tradicional, afirma que a história deve preferir o monumento ao documento, a descontinuidade à continuidade, a heterogeneidade à homogeneidade e o descentramento do sujeito à noção de sujeito fundante.

Na História Nova, a ideia de linearidade, causalidade e continuidade é rejeitada e dá lugar a acontecimentos múltiplos, à multiplicidade dessa história descontínua, a diferentes tipos de duração. “A história não é, portanto, uma duração; é multiplicidade de tempos que se emaranham e se envolvem uns nos outros” (FOUCAULT, 2005, p. 293) - portanto o que predomina é uma história como dispersão, na qual a descontinuidade apresenta-se como uma operação deliberada do historiador e o resultado de sua descrição.

Apoiado em Nietzsche e em sua proposta genealógica, Foucault, no percurso da história geral, defende o descentramento

do sujeito, o qual deixa de ser o centro dos acontecimentos discursivos e passa a ser objeto e sujeito desses acontecimentos. Esse novo foco explica-se pelo próprio objetivo da História Nova, que não estuda as personalidades históricas, mas os saberes. Em nossa pesquisa, por exemplo, o professor tanto é objetivado pelos enunciados da revista *Nova Escola* - ou seja, é objeto do funcionamento discursivo materializado em suas páginas - quanto é subjetivado, sendo, dessa forma, sujeito desses enunciados. É no entremeio dessa concepção de sujeito descentrado e disperso nos acontecimentos discursivos que objetivamos analisar a produção discursiva da identidade do professor em enunciados da revista *Nova Escola* a partir da consideração de que a prática discursiva identitária manifesta nessa revista estabelece relações de saber e poder que se projetam sobre as práticas pedagógicas e instituem processos de subjetivação docente.

Os nortes fundantes para as análises deste trabalho são discurso e formação discursiva, ordem do discurso, descontinuidade e descentramento do sujeito conforme são enunciados por Michel Foucault. A partir dessas proposições traçamos, na seção seguinte, algumas considerações a respeito da atualidade e da identidade, para depois discutirmos como a revista *Nova Escola*, por meio de processos de subjetivação, constrói identidades para o professor.

Atualidade: reflexões sobre identidade

Sociólogos filiados aos Estudos Culturais fundamentam suas análises sobre a sociedade contemporânea nas ideias de descentramento do sujeito e de fragmentação de identidades.

Como um dos argumentos para essa crítica do tempo presente ressaltava-se o fato de que alguns referenciais e nortes que garantiam uma identidade constante e cristalizada socialmente têm se fragmentado em uma dispersão, ocasionando a chamada “crise de identidade”, conforme pondera Stuart Hall (2005). Além desse autor, Bauman (2001) é outro estudioso para quem a sociedade atual está sofrendo modificações, em virtude do que ele denomina “Modernidade Líquida”.

A nosso ver, as características da presente fase estão diretamente relacionadas a um dos princípios básicos da história serial enunciada pelo filósofo Michel Foucault: a pluralidade de historicidades, a descontinuidade e as diferentes temporalidades de um mesmo momento histórico para diferentes sujeitos, de acordo com cada posicionamento diante dos saberes difundidos e legitimados socialmente e colocados como verdades. Neste sentido, a identidade na sociedade atual não é definitiva, pronta, acabada e fixa, mas se constitui justamente pelos processos de subjetivação, o que lhe garante o caráter de dinamismo, de estar em constante mudança e transformação.

É esse panorama geral que norteia nossas discussões sobre as identidades e os processos de subjetivação que constituem identidades para o professor por meio das práticas discursivas identitárias materializadas nos enunciados da revista *Nova Escola*.

Para Hall, o fenômeno da “crise de identidade”, visto como algo característico da sociedade contemporânea, afeta aquelas identidades antes consideradas como sólidas, já cristalizadas na sociedade, as quais garantiam certa “estabilidade” às pessoas e às estratificações sociais. Devido aos deslocamentos e à dispersão dos acontecimentos discursivos, o ponto central de referência que determinava a identidade (de família, de nacionalidade, de

gênero, de profissão, por exemplo) está passando por um processo de desestruturação, ocasionando o surgimento de “novas” identidades, em um processo de fragmentação dos sujeitos. Por isso a sociedade atual é tida como pertencente a um constante processo de ruptura, fragmentação e deslocamento.

Laclau (apud HALL, 2005, p. 16), ao analisar a noção de deslocamento, argumenta que

uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma “pluralidade de centros de poder”. As sociedades modernas [...] não têm nenhum centro, nenhum princípio articulador ou organizador único e não se desenvolvem de acordo com o desdobramento de uma única “causa” ou “lei”.

Nessa análise as identidades são constituídas pelas diferentes “posições de sujeito” que assumem os indivíduos inscritos em determinadas formações discursivas. Através das materializações discursivas, as identidades estariam, então, desenvolvendo-se em meio a rupturas, fragmentações e deslocamentos dos sujeitos, o que apontaria para as descontinuidades históricas que produzem saberes e às quais os homens estão sujeitos.

Outra possibilidade de olhar para esse contexto histórico é dada pelo sociólogo Zygmunt Bauman, para quem a sociedade atual vive as consequências do que ele chama de “Modernidade líquida”. “Fluidez” ou “liquidez” são as metáforas utilizadas por Bauman para designar a natureza da presente fase, “nova de muitas maneiras, na história da Modernidade” (BAUMAN, 2001, p. 9).

No entender desse autor, a “Modernidade líquida” ou “leve” é voltada à fluidez das relações, na qual ocorre um processo de liquefação, de derretimento dos sólidos estabelecidos, no sentido de rompimento com o passado e a tradição, isto é, com

a “Modernidade pesada”. Bauman aborda também o tema da identidade com base na ideia de “Modernidade líquida”, a qual

nos projeta num mundo em que tudo é ilusório, onde a angústia, a dor e a insegurança causadas pela “vida em sociedade” exigem uma análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela “inseridos”. Qualquer tentativa de aplacar a inconstância e a precariedade dos planos que homens e mulheres fazem para as suas vidas, e assim explicar essa sensação de desorientação exibindo certezas passadas e textos consagrados, seria tão fútil quanto tentar esvaziar o oceano com um balde (BAUMAN, 2005, p. 8).

Isso significaria que na Modernidade há uma “quebra de formas”, uma redistribuição e realocação dos “poderes de derretimento”, em que tudo é muito rápido, flexível e está em constante processo de mudança, justamente pela característica da presente fase: “líquido-moderna”, relacionada à fluidez e liquidez da sociedade, de seus “costumes” e “moldes”.

Em relação às identidades, Santos (2006, p. 135) pondera que estas

não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem, país africano, país latino-americano ou país europeu, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso.

Nas reflexões desses autores sobre a relação entre sociedade, indivíduo e identidade ressalta-se o fato de que as identidades constituem-se e formam-se ao longo do tempo; não são inatas, mas estão em constante processo de formação; são incompletas,

mas, de certa forma, revelam para o indivíduo quem ele é ou pode ser e como ele pode se constituir perante a sociedade.

Ao analisarmos a constituição identitária na mídia do ponto de vista da Análise do Discurso, objetivamos efetuar uma análise discursiva, ao passo que tomamos a produção de identidades como um fato de discurso. O sujeito disperso é, também, uma produção de determinados discursos, por isso não buscamos apenas discutir se há ou não uma fragmentação de identidades, conforme propõem autores da linha dos Estudos Culturais. A fragmentação de identidades e a perda de referenciais antes sólidos resultam do discurso sobre certas práticas. Como observado, em alguns discursos sobre as práticas docentes, por exemplo, não há liberdade para que o professor assuma sua fragmentação, ao contrário, os discursos apresentam um efeito de sentido de identidade docente “pronta para ser consumida”. Além disso, nosso objetivo não é tomar posição ou oferecer elementos para um posicionamento de nossos leitores sobre a “qualidade” da revista *Nova Escola*, mas, discursivamente, abordar os enunciados materializados por esse veículo da mídia e seus efeitos nos processos de subjetivação e constituição de identidades do professor.

A revista *Nova Escola* e o professor

Tendo em vista certas tendências da AD ao analisar discursos midiáticos, julgamos necessário, primeiramente, conceber os discursos como práticas sociodiscursivas historicamente determinadas e a mídia como prática discursiva que materializa sentidos em suas formas enunciativas. Neste sentido,

consideramos a mídia como espaço de produção e de circulação de efeitos de sentido na sociedade e como um dos principais lugares de enunciações em que se encenam e se constroem representações e identidades sociais e, por isso mesmo, um dos mais significativos mecanismos de subjetivação. Já legitimada na sociedade e autorizada a produzir e a difundir enunciados postos como verdades, ela exerce, através de seus discursos, um poder que produz saberes e “efeitos de poder”.

Essa concepção justifica nosso *corpus* de análise. A revista *Nova Escola* é uma publicação pedagógica que já se consolidou no mercado editorial brasileiro, pois circula desde 1986. Surgida a partir de uma iniciativa da Fundação Victor Civita⁶³, a *Nova Escola* alcançou tiragens expressivas e contribui para a construção de identidades.

De acordo com a jornalista Scalzo (2004), as revistas têm como principal característica e diferencial o fato de serem produzidas para um público específico, bem-definido e pretensamente homogêneo, enquanto o jornal, por exemplo, escreve para um público completamente heterogêneo. “A segmentação por assunto e tipo de público faz parte da própria essência do veículo. [...] É na revista segmentada, geralmente mensal, que de fato se conhece cada leitor, sabe-se exatamente com quem se está falando” (SCALZO, 2004, p. 14-15). Assim, a revista tem como foco o leitor, por isso deve conhecer e

63 A Fundação Victor Civita é uma entidade sem fins lucrativos e “voltada para o aperfeiçoamento do professor brasileiro”, e tem como missão “contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica no Brasil e para a formação de novas gerações de leitores, por meio da qualificação do educador da escola pública, com vistas a desenvolver com mais competência suas atividades em sala de aula”. A Fundação Victor Civita é independente do Grupo Abril, recebendo apenas apoio financeiro desse grupo e da Gerdau para custear parte de suas atividades, entre elas, a publicação da Revista *Nova Escola*. Informações disponíveis em <http://revistaescola.abril.com.br/fvc/nossa_historia.pdf>. Acesso em 04 ago. 2008.

pressupor seus gostos, prioridades, anseios e valores, qualidades que correspondem, em grande medida, às da revista objeto de nossa análise.

Destinada ao grande público docente, a revista *Nova Escola* trata de assuntos relacionados à educação. Está estruturada em diversas seções e apresenta reportagens sobre experiências de sucesso em sala de aula de todo o País, o que constitui um dos seus diferenciais em relação a outras publicações da área de educação. Suas páginas apresentam um vocabulário simplificado e muitas ilustrações (gráficos, mapas, quadros e fotos de sala de aula envolvendo estudantes e professores) que, conforme sua linha editorial, mostram experiências bem-sucedidas em sala de aula, até porque a *Nova Escola* não segue uma linha de pensamento, sendo sua pauta definida pelo objetivo de o projeto ser bem-sucedido⁶⁴.

A partir das três edições que compõem o nosso arquivo de pesquisa, analisaremos como, em enunciados de *Nova Escola*, são construídas (produzidas) identidades para o professor. As edições foram selecionadas por assumirem, marcadamente, a mesma posição-sujeito: trata-se de um sujeito enunciator que pensa antecipadamente os problemas e dificuldades dos professores e antecipa as respostas e soluções, ensinando *como* é possível chegar a bons resultados.

No enunciado verbal apresentado na capa da edição n. 213, “O que e como ensinar: para garantir o aprendizado em todas as disciplinas, é preciso conhecer os conteúdos essenciais e como lecionar cada um. Veja aqui 30 atividades e oito planos

64 Informações obtidas através de correio eletrônico. SIMEONI, M. C. Atendimento ao leitor de Nova Escola. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <novaescola@atleitor.com.br> em 07 ago. 2008.

de aula que todo professor do 1º ao 5º ano tem de saber” (Revista Nova Escola, n. 213, jun./jul. 2008), materializa-se uma posição-sujeito autorizada a entrar na “ordem do discurso” do aconselhamento e do ensino. De certa forma, a posição aqui assumida desconsidera os fenômenos da descontinuidade e do descentramento do sujeito vistos anteriormente, pois concebe os sujeitos professores como se não fizessem parte de um movimento histórico descontínuo e composto de rupturas, “cesuras que rompem o instante e dispersam o sujeito em uma pluralidade de posições e de funções possíveis” (FOUCAULT, 2009, p. 58).

Em outro enunciado, “Falar bem se aprende na escola: quer que a turma faça bonito em seminários, debates e entrevistas? Vá para a página 42 e veja como” (Revista Nova Escola, n. 230, mar. 2010), novamente a revista em foco parte do princípio de que os professores necessitam de um auxílio para que a turma “faça bonito em seminários, debates e entrevistas”, por isso ensina *como* o professor pode conseguir que a turma fale bem.

O uso de ‘como’ nesse enunciado atualiza um processo de subjetivação docente que se alicerça em um tipo de discurso pedagógico cristalizado: constituir-se como professor bem-sucedido é seguir determinados passos metodológicos, é fazer a “lição de casa” corretamente. Além de dizer o que os bebês aprendem com “cuidado, brincadeira, movimento, alimentação, desenho, faz-de-conta e histórias”, a *Nova Escola* também se propõe a ensinar ao professor ‘como’ os bebês podem aprender com todos esses itens. Observe-se: “Um dia cheio de aprendizagens: cuidado, brincadeira, movimento, alimentação, desenho, faz de conta e histórias. O que – e como – os bebês aprendem como tudo isso? Saiba na página 42” (Revista Nova Escola, n. 231, abr. 2010).

Além dessa posição-sujeito - norteadas por algumas estratégias de poder -, a revista *Nova Escola* produz saberes sobre o professor e seu trabalho e assim o coloca em posição de sujeito determinado por processos de subjetivação como, entre outros, exemplos e reflexões sobre “boas” propostas pedagógicas, com teorias, objetivos, metodologias e conteúdos, a determinação dos conteúdos a serem trabalhados e ensinados e o governo de si pelo governo dos outros. Entre as estratégias adotadas para materializar essas práticas de subjetivação, esse veículo midiático prioriza, por exemplo: a autorreferência, isto é, a forma como a revista fala de si em suas reportagens, apresentando-se como conhecedora dos problemas e dificuldades dos professores e oferecendo soluções como modelos a serem seguidos; o uso da opinião e do aval de especialistas experientes para legitimar as narrações postas como verdades; e a informação didatizada, com abundância de exemplos e o uso de vocabulário simples, para “facilitar” o entendimento por parte do leitor e, então, enfatizar seu papel de espectador que precisa de ajuda e de “receitas”.

Esse processo de subjetivação é materializado, por exemplo, no seguinte enunciado: “Comunicar-se em diferentes contextos é questão de inclusão social, e é papel da escola ensinar isso”, explica Cláudio Bazzoni, assessor de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo e selecionador do Prêmio Victor Civita – Educador nota 10. O que todo professor precisa incluir em seu planejamento são os chamados gêneros orais formais e públicos, que têm características próprias, pois exigem preparação e apresentam uma estrutura específica” (Revista Nova Escola, n. 230, mar. 2010).

Nesse enunciado o enunciador assume a posição-sujeito de conhecedor das necessidades dos professores e oferece como “solução” para que os estudantes “falem bem em público” o

exercício de trabalhar com gêneros orais. Para tanto, usa o aval de um especialista na área, o que credibiliza a revista.

Não obstante, vale lembrar que a *Nova Escola* não considera os fatores histórico-sociais que podem influenciar as práticas docentes, mas argumenta que todos, independentemente da realidade, devem seguir as mesmas estratégias. Isso sinaliza um mecanismo discursivo de produção de identidade docente por meio de um conjunto de saberes sobre a prática pedagógica, a qual passa, então, a ser controlada e organizada por esse discurso.

Com base na tese de Foucault sobre o descentramento do sujeito na história e sobre a sua dispersão nos acontecimentos discursivos, acreditamos ser necessário colocar em suspenso - e mesmo questionar - certas vontades de verdade, como as que organizam os efeitos de sentido da prática docente produzidos pelos enunciados aqui analisados, em especial na afirmação de que “para garantir o aprendizado em todas as disciplinas, é preciso conhecer os conteúdos essenciais e como lecionar cada um” (RNE n. 213). Como sabemos, há diversos sujeitos vivendo diferentes temporalidades em um mesmo momento histórico, e o conhecimento dos conteúdos essenciais pode não bastar para garantir o aprendizado em todas as disciplinas e em quaisquer turmas de estudantes.

Últimas considerações

Bauman (2001) pondera que a sociedade atual está na chamada “Modernidade líquida”, considerando-a como fluida, líquida. Por analogia, também os sujeitos deveriam ser líquidos,

fluidos; porém a revista *Nova Escola* apresenta formas de identificação para o sujeito professor que não se coadunam com as características dos sujeitos na “Modernidade líquida”, pois, ao materializar enunciados que produzem essa identidade fixa e constante, esse periódico determina tão fortemente as bases, os encaminhamentos e os “bons” exemplos de práticas docentes, que o professor acaba sendo “anulado”.

Pelo levantamento que fizemos, concluímos que as proposições da Nova História são operantes nos e para os trabalhos de análise do discurso que também tenham como objetivo estudar os processos de constituição de identidades para os sujeitos; afinal, como afirma Foucault, nada no “homem é bastante fixo”, portanto, as identidades também não são fixas nem inatas, mas construídas - também pela mídia.

Como as identidades são produzidas discursivamente, é necessário compreendê-las como relacionadas a locais sócio-históricos e institucionais (como a mídia) no interior de formações e práticas discursivas e ligadas a sistemas de representação - e por isso, como um ato de poder, sendo ainda instáveis, contraditórias, fragmentadas, inacabadas. “As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós” (HALL, 1995 apud HALL, 2000, p. 112). Neste sentido, outro aspecto a ser considerado é que a produção de identidades está relacionada ao modo como os sujeitos são posicionados nos discursos.

A mídia impõe qual prática é aceitável e determina como os professores devem agir, e assim constrói coletividades. Os professores que não se norteariam pelas propostas da *Nova Escola*, que não se enquadrarem nas práticas impostas por essa revista, terão sua identidade vista como “não certificada” (BAUMAN,

2005, p. 28). O sujeito é constantemente subjetivado pelos efeitos da mídia, que constrói coletividades e, neste caso, constrói para o professor uma identidade que, conforme já afirmamos, apresenta-se como uma regularidade.

Referências

- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. *Identidade*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FERNANDES, C. A. Discurso, história e arqueologia: entrevista com Jean-Jacques Courtine. In: MILANEZ, N; GASPAR, N. R. (Orgs.). *A (des)ordem do discurso*. São Paulo: Contexto, 2010. p. 17 – 30.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Tradução e organização Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- _____. Nietzsche, a genealogia, a História. In: _____. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 260 – 281. (Ditos e Escritos II).
- _____. Retornar à História. In: _____. Organização e seleção de textos: Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. p. 282 – 295. (Ditos e Escritos II).
- _____. *A arqueologia do saber*. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- _____. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da. (Org.). Tradução Tomaz Tadeu da Silva. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103 – 133.

_____. *A identidade cultural na pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

GREGOLIN, M. do R. J.-J. Courtine e as metamorfoses da análise do discurso: novos objetos, novos olhares. In: SARGENTINI, V; GRAGOLIN, M. do R. (Orgs.). *Análise do discurso: heranças, métodos e objetos*. São Carlos, Claraluz, 2008. p. 21 – 36.

NAVARRO-BARBOSA, P. L. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: SARGENTINI, V.; NAVARRO-BARBOSA, P. (Orgs.). *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97 – 130.

_____. O pesquisador da mídia: entre a “aventura do discurso” e os desafios do dispositivo de interpretação da AD. In: NAVARRO, P. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 67 – 92.

_____. Discurso, história e memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, I. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória*. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 59 – 74.

REVISTA NOVA ESCOLA. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 213, jun./jul. 2008.

_____. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 230, mar. 2010.

_____. São Paulo: Fundação Victor Civita, n. 231, abr. 2010.